

InC Lab

Laboratório de Pesquisas do Invisible College

Grupo #01:

Caos e Ordem: O sentido da experiência religiosa no Antigo Oriente Próximo a partir do método Fenomenológico

Palavras-chave:

antigo oriente próximo; fenomenologia; Husserl; van der Leeuw; Dooyeweerd; Walton.

Coordenação:

Pedro Lucas Dulci — Co-Fundador e Coordenador Pedagógico do Invisible College (InC) onde é tutor dos cursos de Teologia e Filosofia. Tem graduação, mestrado e doutorado em Filosofia (Universidade Federal de Goiás) com pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea. Graduado em Teologia (Seminário Presbiteriano Brasil Central) com foco na tradição teológica Reformada e no Neocalvinismo Holandês. Realizou um período de mobilidade no ano acadêmico de 2012-2013, na Universidade do Porto, Portugal, sob a orientação da Prof.a Dra Eugénia Vilela Morais. Foi Bolsista Oxford-Templeton do projeto Latin America and The Big Questions do Ian Ramsey Center, da Universidade de Oxford, para realizar pesquisas sobre o diálogo entre Ciência e Religião no Abraham Kuyper Center, da Vrije Universiteit Amsterdam, na Holanda, sob a supervisão do prof. Dr. Gerrit Glas. Tem experiência nos temas da História da Filosofia, em Filosofia da Religião, Fenomenologia, Epistemologia, Ética e Filosofia Política contemporânea, em questões de gênero, sexo e sexualidade, na História do Dogma, Teologia Bíblica do Antigo Testamento, na Teologia Pública e nas possíveis relações entre Teologia Cristã, Filosofia e Ciências Humanas e Naturais.

<http://lattes.cnpq.br/6513943344831736>

Apresentação

Ocupar-se com o *sentido* da experiência religiosa do antigo Oriente Próximo não é algo simples. Em muitas dimensões, trata-se de um tópico de investigação muito amplo, multifacetado, fragmentado e, em diversos aspectos, ainda desconhecidos para o pesquisador da religião. Somos informados que a redescoberta moderna do Egito, enquanto campo de pesquisas históricas e culturais, teve início de forma intensa no século 18, e a da Mesopotâmia em meados do século 19 — atualmente, depois que as línguas antigas foram decifradas e os textos traduzidos, “o número de textos supera um milhão” (WALTON, 2021, p. 21). Tal cifra nos ajuda a entender o tamanho do desafio de recortar um tópico de investigação dentre os documentos sobre o antigo Oriente Próximo. Não obstante essa fragmentação geral que caracteriza o que ficou conhecido como antigo Oriente Próximo, quando nos dedicamos especificamente a uma de suas culturas a situação não é diferente. Não temos condições materiais nem historiográficas para pressupor um bloco cultural monolítico intitulado “os babilônios”, ou então “os egípcios”, nem mesmo “os hititas”. Da mesma forma que seria ingênuo pensar que todos os brasileiros compartilham da mesma cultura, precisamos ter consciência que existem “diferenças perceptíveis entre os babilônicos do segundo milênio, da época Hamurábi, e os babilônios do primeiro milênio, da época de Nabucodonosor. Mais importante ainda, é necessário ter cautela quando se usa tanto o Egito quanto o antigo mundo da Mesopotâmia para comparação” (WALTON, 2021, p. 24). Em outras palavras, é preciso muita cautela na interpretação dos textos e conhecimentos que temos de um cultura específica, tanto em comparação consigo mesma em diferentes períodos, quanto em relação a outras culturas encontradas no restante do antigo Oriente Próximo.

Vale ressaltar, no entanto, que as pesquisas em torno das culturas do antigo Oriente não lidam apenas com fragmentações internas e externas. Mesmo que seja necessário reconhecer uma parcela significativa de variação dentro de uma mesma cultura, ainda assim, existem “alguns elementos que muitas culturas do antigo Oriente Próximo tinham em comum como os egípcios, e, sem dúvida, existiam muitas áreas em que tinham mais pontos em comum entre si do que com nossa cultura de hoje” (WALTON, 2021, p. 24). Isso significa reconhecer unidade e diversidade no estudo comparativo da experiência cultural no antigo Oriente. Na literatura especializada, encontramos alguns autores que utilizam conceitos que, apesar de sua irreduzibilidade incontornável, servem de exemplo para demonstrar uma afinidade tácita sobre o reconhecimento de unidade na diversidade cultural antiga. Michael Fishbane, por exemplo, fala de “fluxo compartilhado de tradições linguística” ou “*Wortfeld* comum”; Richard Hays usa “eco intertextual”; Daniel Boyarin fala de “códigos culturais”; Hayden White prefere “padrões de significado”; Gerson Hapner utiliza “matriz de associações”; e J. Richard Middleton usa “contexto conceitual comum” (cf. MIDDLETON, 2005, p. 62-64). Em seus esforços para identificar aspectos em comum que merecem nossa atenção no estudo das diferenças culturais do Oriente antigo, Walton adotou a metáfora de um rio cultural. Nesse modelo de análise cultural, Walton argumenta que “as correntes de água representam ideias e maneiras convencionais de pensar”. Walton continua argumentando que, nesse antigo rio cultural, “encontraríamos na lista de conceitos básicos como a identidade comunitária, o controle abrangente e onipresente dos deuses, o papel da monarquia, a adivinhação, a centralidade do templo, o papel mediador das imagens e a realidade do mundo espiritual e da magia”. Por fim, ele conclui que “não é fácil entender a forma ou a lógica desses conceitos, e muitas vezes achamos incompreensível a maneira como são expressos nos textos” (WALTON, 2021, p. 25-25). Basicamente, portanto, para Walton as formas de pensamento e ideias compartilhadas amplamente pelas diferentes civilizações são as correntes de água que formam o rio cultural do antigo Oriente que nos fornecem unidade de análise.

Diante de todo esse cenário investigativo, o caminho que se mostra mais óbvio para qualquer pesquisador iniciar sua aproximação nesse rio cultural antigo é, justamente, aquele que foi percorrido mais vezes nos últimos séculos. A saber, a inegável utilidade da investigação histórica para tentar reconstruir as características das estruturas arcaicas das religiões cujo sentido do sagrado não nos é mais imediatamente compreensível. Em último sentido, este é o objetivo dos estudos comparativos do contexto histórico de uma determinada cultura. Especificamente, em nosso caso, trata-se de “examinar a literatura e a arqueologia do antigo Oriente Próximo para reconstruir o comportamento, as crenças, os valores e a cosmovisão das pessoas, isto é, para examinar as dimensões e a natureza do antigo rio cultural” (WALTON, 2021, p. 25-26). De maneira geral, tal empreendimento é chamado de *estudos culturais*; de maneira mais específica, chamamos a parte interessada em alcançar informações de segmentos justapostos de uma cultura mais ampla de *estudos comparados*. Trata-se eminentemente de uma pesquisa de natureza linguístico-cultural. Isso significa dizer que: “para que alguém de fora da matriz linguística/cultural tire o máximo de proveito da informação que está sendo comunicada naquela matriz linguístico/cultural, é necessária uma aprendizagem cultural — a pessoa tem que se adaptar à matriz linguística/cultural desconhecida” (WALTON, 2021, p. 27). Nesse sentido, pode-se dizer que se trata de um esforço investigativo para ajustar nosso próprio pensamento para estarmos habilitados a reconhecer e interpretar padrões de crença, comunicação e cosmovisão de culturas muito distantes de nós. Quando aplicamos todo esse esforço investigado a um ramo específico dos estudos comparados — as religiões comparadas —, torna-se mais explícito como a via historiográfica é comum aos que querem aproximar-se do sentido da experiência antiga. Aplicando especificamente esse objetivo aos estudos em religiões comparadas, por exemplo, trata-se de reconhecer que “ninguém lê a Bíblia livre de preconceitos culturais mas procuraremos substituir nossas lentes culturais pelas dos autores bíblicos. Às vezes o melhor que conseguimos fazer é reconhecer que temos lentes culturais e tentar tirá-las, mesmo que não consigamos reconstruir as lentes antigas” (WALTON, 2021, p. 25).

Não se pode deixar de dizer que, apesar dos inegáveis avanços que a pesquisa histórico-comparativa nos trouxe, esta não é uma empreitada livre de questionamentos sobre sua orientação filosófica e, até mesmo, religiosa. A professora da Universidade Lateranense em Roma e fundadora do Centro Italiano de Pesquisas Fenomenológicas, Angela Ales Bello, é muito precisa no seguinte comentário que faz sobre a relação entre investigação filosófica do sentido da experiência religiosa e a utilidade dos dados historiográficos:

Os estudos em história das religiões realizam, sem dúvidas, um ótimo trabalho de investigação, mas eles se encontram diante de questões teóricas de orientação sobre o próprio objeto de pesquisa que constringem os estudiosos da disciplina a ultrapassar os seus limites na direção de âmbitos que se poderiam definir filosóficos — e, em tantos casos, o próprio estudioso não é disposto a sair dos confins da própria pesquisa. Além disso, as expressões arcaicas ou, como eram denominadas no passado, “primitivas”, tornaram-se parte do campo de investigação dos antropólogos culturais, mas também estes se limitam, na maioria dos casos, a descrever fenômenos revelados evidenciando exclusivamente os seus aspectos sociais. Isso demonstra que, se o sagrado é um terreno circunscrito a partir de diversas abordagens, as mesmas não são suficientes para compreender o seu significado. Surge aí a pergunta relativa a qual ponto de vista assumir quando se pesquisa sobre este tema (BELLO, 2018, p. 17).

As palavras acima de Bello auxiliam a colocar a necessidade de nos perguntarmos sobre uma dimensão de sentido que ultrapassa os limites da mais precisa descrição historiográfica das dinâmicas religiosas do antigo Oriente. Apesar de alguns pesquisadores não estarem dispostos a irem além dos limites da sua própria área disciplinar, conforme ela mesmo destacou acima, o que se espera do trabalho filosófico é exatamente este questionamento ulterior. A contribuição que a filosofia pode trazer para as demais ciências da religião é, precisamente, a de perguntar-se pelo núcleo íntimo do *sentido do sagrado*. Nas palavras de Bello, mais uma vez, “de que modo se deve compreender o ‘sentido’ da experiência religiosa?” (BELLO, 2018, p. 16). Dentre outras coisas, isso significa se perguntar pelo o que é a caracterização mais nuclear da atitude religiosa enquanto tal, bem como sobre os instrumentos investigativos que a mesma pode ser investigada.

Esse tipo de investigação não deve ser, de forma alguma, visto como reducionista em sua abordagem. Isso porque, em sua expressão histórica, a experiência religiosa pode ser investigada por diversos *modos de ser* na temporalidade — conforme foi assinalado anteriormente com os *aspectos de ser* histórico-cultural e social da pesquisa religiosa. Nesse sentido, ao contrário de ser um impedimento para as ciências da religião, essa multiplicidade de modos de se aproximar do sentido do sagrado apenas explicita como a dimensão religiosa perpassa e direciona cada aspecto da realidade — podendo ser encarada como aquilo que é mais característico da própria realidade.

Nosso objetivo no presente Grupo de Pesquisa, portanto, não é o de prescindir das conquistas investigativas em torno do antigo Oriente Próximo. Ao contrário, vamos argumentar a seguir que estes resultados, já alcançados pela história das religiões e pela antropologia cultural do antigo Oriente, podem ser profundamente enriquecidos por uma abordagem filosófica específica — o que estamos chamando aqui de *a pergunta pelo sentido da experiência religiosa do antigo Oriente*. Essa abordagem filosófica é a fenomenologia da religião.

Objetivo geral da pesquisa

O presente Grupo de pesquisa tem o objetivo de investigar a viabilidade histórico-filosófica de um motivo básico religioso do Antigo Oriente Próximo denominado “caos e ordem”. Para este propósito, nos valeremos dos esforços intelectuais do jurista e filósofo neerlandês Herman Dooyeweerd e sua proposta de análise cultural a partir das suas forças motrizes religiosas. Para além da relevância que essa investigação tem no interior da tradição reformacional de filosofia, acreditamos que esse tópico de pesquisa encontra um momento acadêmico muito favorável para sua efetividade. A década de 1980 testemunhou um retorno entusiasmado ao tema do sentido do sagrado não só nas ciências da religião, como também na filosofia, história e antropologia cultural com autores que fazem parte do meio intelectual de Dooyeweerd — em especial dois: Gerardus van der Leeuw e Edmund Husserl. Nesse renovado diálogo, as instâncias históricas, sociológicas e antropológicas — que dominam as pesquisas em torno do antigo Oriente Próximo — são recolocadas em um quadro de referência filosófico maior. Assim, os resultados já alcançados pela história das religiões e pela antropologia cultural do antigo Oriente — como, por exemplo, as de John H. Walton — podem ser avaliadas de forma crítica e profundamente enriquecidos pela metodologia filosófica sistematizada por Dooyeweerd na identificação de motivos básicos religiosos inerentes às culturas deste período.

Objetivos específicos da pesquisa

Os objetivos específicos desse grupo de estudos e pesquisa permeiam em torno do tratamento de algumas questões:

1. Reconstruir o ambiente cognitivo do Antigo Oriente Próximo, principalmente a partir das pesquisas de John H. Walton;
2. Investigar a viabilidade da Fenomenologia da Religião se apresentar como metodologia privilegiada na pesquisa sobre a experiência religiosa do antigo Oriente;
3. Reconstruir o raciocínio de dois teóricos fundamentais para a Fenomenologia da Religião — a saber, Edmund Husserl e Gerardus van der Leeuw —, e perguntar sobre as condições de possibilidade de sua inserção nessa discussão específica;
4. Investigar as possíveis contribuições de Herman Dooyeweerd para pensarmos um motivo básico do Antigo Oriente que faça justiça às descrições histórico-antropológicas do período;

Calendário

Encontro 01 — 13/05 – 21h30

Assunto:

Sobre os limites e as possibilidades da Fenomenologia da Religião para as pesquisas em torno do Antigo Oriente Próximo

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 02 — 27/05 – 21h30

Assunto:

Orientações gerais para todos os seminários

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 03 — 10/06 – 21h30

Assunto:

John H. Walton e o ambiente cognitivo do Antigo Oriente próximo

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 04 — 24/06 – 21h30

Assunto:

Orientações para os seminários

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 05 — 15/07 – 21h30**Assunto:**

Edmund Husserl e a Fenomenologia pura e a fenomenologia transcendental

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 06 — 29/07 – 21h30**Assunto:**

Orientações para os seminários

Bibliografia obrigatória:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 07 — 12/08 – 21h30**Assunto:**

Gerardus van der Leeuw e a Fenomenologia da Religião

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 08 — 26/08 – 21h30**Assunto:**

Orientações para os seminários

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 09 — 09/09 – 21h30**Assunto:**

Herman Dooyeweerd e os motivos básicos religiosos

Bibliografia:

Será disponibilizada pelos coordenadores.

Encontro 10 — 23/09 – 21h30**Assunto:**

Orientações para os seminários

Bibliografia obrigatória:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 11 — 07/10 – 21h30**Assunto:**

Caos e Ordem como motivo básico do Antigo Oriente Próximo

Bibliografia:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Encontro 12 — 21/10 – 21h30**Assunto:**

Considerações finais do percurso investigativo e avaliação interna

Bibliografia obrigatória:

Será disponibilizada internamente pelos coordenadores.

Bibliografia básica

ALES BELO, A. Edmund Husserl: **Pensar Deus, Crer em Deus**: Pensar Deus, Crer em Deus. São Paulo: Paulinas, 2016;

_____. **O Sentido do Sagrado**. São Paulo: Paulinas, 2019;

_____. **Cultura e Religiões**: São Paulo: EDUSC, 1998;

DOOYEWEERD, H. **Raízes da Cultura Ocidental**: São Paulo: Cultura Cristã, 2022;

_____. **Filosofia cristã e o sentido da história**. Brasília: Editora Monergismo, 2024;

_____. **Reformation & Scholasticism: The Greek Prelude**: 5. Paideia Press, 2021;

_____. **A new critique of theoretical thought**. Paideia Press, 2019;

ELIADE, M. História das crenças e das ideias religiosas: Volume 1: Da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010;

_____. **Tratado de história das religiões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016;

_____. **O sagrado e o profano: A Essência das religiões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2019;

GREIDANUS, S. **Do Caos ao Cosmo: da Criação à Nova Criação**. São Paulo: Sheed Publicações, 2022;

_____. **Pregando Cristo a partir de Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2022;

HUSSERL, E. **Psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental: Textos selecionados (1927-1935)**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022

_____. **Ideias Para uma Fenomenologia Pura e Para uma Filosofia Fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2022.

_____. **Europa - Crise e Renovação**. Editora Forense Universitária, 2014.

REINKE, A. D. **Os outros da Bíblia: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019;

SILVA, C. **Fenomenologia da religião: Compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações**. São Paulo: Vida Nova, 2021;

VAN DER LEEUW, G. **Religion in Essence and Manifestation**. Princeton University Press, 2014.

WALTON, J. H. **Pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2021;

_____. **Teologia do Antigo Testamento para cristãos: Do contexto antigo à crença duradoura**. São Paulo: Edições Loyola, 2021a;

_____. **O Mundo Perdido de Adão e Eva. O Debate Sobre a Origem da Humanidade e a Leitura de Gênesis**. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2016.

_____. **O mundo perdido do dilúvio**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019;